

Preparação é essencial

O Distrito Federal entrou na fase mais crítica do período de seca. São até 70 ocorrências de incêndio florestal por dia. Para dar conta da demanda, 320 bombeiros, em média, são escalados a cada 24 horas. Eles atuam em grupo de ao menos cinco homens, que chega a combater 20 focos em seu plantão. Um serviço pesado. Por isso, os militares precisam estar sempre muito bem treinados. Cada um carrega, no mínimo, 25kg de equipamento. Material que, sob sol escaldante, baixa umidade do ar e em meio a fogo e fumaça, torna a atividade estenuante.

Porém, a chegada recente de veículos modernos —, incluindo dois aviões — tem se tornado a rotina menos exaustiva e mais eficiente. Assim, a capital vive, por enquanto, uma das menos destrutivas estiagens. Até sexta-feira, após 73 dias sem chuvas significativas, 3.243 hectares de mata haviam sido queimados, 17,77% a menos que entre janeiro e agosto do ano passado e 61% a menos em relação ao mesmo período de 2011. Cada hectare equivale a um campo de futebol profissional. Unidade responsável por combater os grandes incêndios e organizar todas as ações relativas às queimas no cerrado brasiliense, o Grupamento de Proteção Ambiental (Gpram) recebeu 2.230 chamados em 2013, até sexta-feira. Nos oito primeiros meses de 2012, foram 2.929. E, de janeiro a agosto de 2011, 2.196.

Divididos na sede localizada no fim da Asa Norte e em outras 12 unidades espalhadas pelo DF, o Gpram tem 60 picapes e caminhões de cinco modelos diferentes à disposição. O comando prioriza as ocorrências em reservas ambientais e áreas onde as labaredas ameaçam propriedades rurais e casas. A estratégia tem dado certo. Até agora, não houve acidentes graves nem a destruição de parques ecológicos, como em anos anteriores.